

CITRICULTURA NA ÁREA DE ATUAÇÃO DO BNB

O Brasil é um dos maiores produtores mundiais de citros, com destaque para a produção de laranja. O País é o maior fornecedor de suco de laranja do mundo com 79% do mercado mundial e com mais de 90% da produção brasileira exportada. Os maiores importadores do suco de laranja do Brasil são a União Europeia e os Estados Unidos.

A produção brasileira de citros está concentrada no Sudeste do País, em São Paulo e no triângulo mineiro. O Nordeste responde por apenas 10% da produção nacional de citros e por menos de 3% das exportações brasileiras de suco de laranja. No entanto, a atividade possui elevada importância social e econômica para Sergipe e Bahia, onde está concentrada mais de 90% da área cultivada com laranja no Nordeste.

Em 2017, o valor bruto da produção da laranja em Sergipe foi de R\$ 362,0 milhões, o que representou 19% do valor de produção total agropecuário do Estado. Na Bahia, a laranja possui um peso menor na economia do Estado, porém o cultivo da fruta destaque na geração de renda para as regiões produtoras. Em 2017, o valor bruto da produção da laranja na Bahia foi de R\$ 499,4 milhões. Além disso, a atividade emprega um expressivo contingente de mão de obra nos dois Estados.

A área de atuação do BNB responde por um pequeno percentual da área e do valor de produção de citros no Brasil. A cultura cítrica de maior importância econômica para a Região também é a laranja. Apenas para cultura do limão, a participação da área de atuação do BNB difere da participação do Nordeste, sendo o percentual da área ocupada pela cultura e o valor de produção expressivamente maior (Tabela 1). Isso se deve ao Norte de Minas Gerais, que é o segundo maior produtor de limão da Região, atrás somente da Bahia.

Tabela 1 - Valor da produção de laranja, limão e tangerina no Brasil, NE e área de atuação do BNB (Mil R\$)

Culturas	Brasil, Região	2012 (a)	2013	2014	2015	2016 (b)	Participação (%)	Variação (%) (a/b)
Laranja	Brasil	6.050.786	5.914.606	6.520.818	6.272.200	8.380.099	100,0	38,5
	Nordeste	658.336	677.538	639.421	612.487	704.017	8,4	6,9
	Área de atuação do BNB	696.621	717.245	680.638	662.778	758.112	9,0	8,8
Limão	Brasil	728.175	852.081	946.151	933.401	1.287.619	100,0	76,8
	Nordeste	55.366	94.666	78.794	106.930	125.548	9,8	126,8
	Área de atuação do BNB	102.592	175.948	156.306	201.502	207.559	16,1	102,3
Tangerina	Brasil	745.678	789.450	874.931	831.017	959.611	100,0	28,7
	Nordeste	21.006	24.795	21.979	25.551	25.082	2,6	19,4
	Área de atuação do BNB	34.709	41.903	40.861	41.518	44.328	4,6	27,7

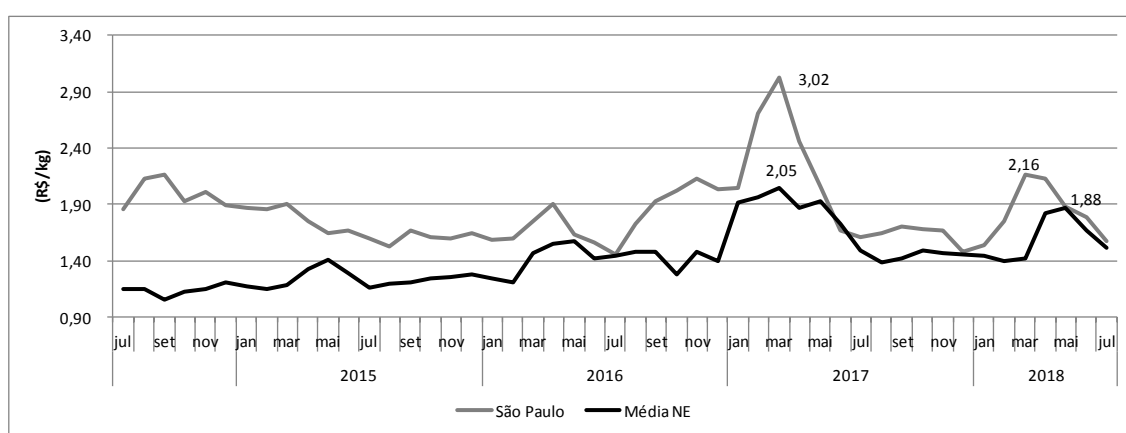
Fonte: IBGE (2018).

*Valor da produção atualizado pelo IGP-DI- dezembro/2016

Apesar da redução da área plantada, o valor da produção dos citros no Brasil apresentou alta entre 2012 e 2016, o melhor resultado foi para a cultura do limão, para o qual o desempenho do Nordeste e da área de atuação do BNB foi melhor do que a do Brasil. Nesse período, ocorreu expansão da área com limão e da produtividade da cultura principalmente na Bahia, onde também aumentou a área com laranja.

A produção de laranja do polo citrícola do Centro-Sul de Sergipe e Norte da Bahia abastece todo o Nordeste. Os produtores comercializam sua produção para intermediários, pequenas empresas beneficiadoras e para a indústria de suco que se localiza principalmente em Sergipe, sendo as principais a Maratá e a Tropfruit localizadas no município de Estância e a Sumo em Boquim. O preço da laranja é estabelecido pela agroindústria e sofre influência direta dos estoques de suco de laranja. Em 2017, os baixos estoques nacionais do suco da fruta provocaram a alta expressiva dos preços da laranja no País, inclusive no Nordeste, atingindo o maior patamar do período analisado. A laranja-pera chegou a ser comercializada no Nordeste ao preço médio de R\$ 2,05/kg no atacado (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Preço médio da laranja pera no atacado no Nordeste e em São Paulo (R\$/kg)



Fonte: CONAB (2018).

As exportações de frutos cítricos *in natura* pelo Brasil são pouco relevantes quando comparadas aos envios do suco de laranja ao exterior. As exportações de limão e lima, tanto brasileiras quanto nordestinas, são mais significativas que as de laranja *in natura*, tanto em termos de quantidade quanto de valor. Além disso, a participação do Nordeste nas exportações dessas frutas em relação ao Brasil é bem mais expressiva. A Região responde por 38,1% das exportações nacionais de limão, em termos de valor. Em 2017, o Brasil exportou 92,3 mil toneladas de limão. Desse total, a Bahia foi responsável por 23,5% e Pernambuco por 15%. Sergipe participa com um pequeno percentual. No entanto, vem crescendo nos últimos anos. Com relação à laranja, quase toda a exportação é feita pela Bahia. No Nordeste, assim como as exportações nacionais, o maior faturamento também se dá com as exportações de suco de laranja, que representaram 28,7% do valor total das exportações de suco de frutas da Região em 2017, com faturamento de US\$ 41,4 milhões. Sergipe é tradicionalmente o maior exportador nordestino de suco de frutas. Em 2017, respondeu por 86,5% do faturamento das exportações nordestinas de suco de laranja.

Em 2017, as aplicações totais para o financiamento de citros na área de atuação do BNB somaram aproximadamente R\$ 31,4 milhões. Desse total, 80% foi direcionado para a cultura da laranja. De forma geral, o financiamento de citros na área de atuação do BNB é destinado para produtores de pequeno porte. A Tabela 2 apresenta um panorama das contratações em 2017, por porte, para as culturas citros na área de atuação do Banco do Nordeste.

Tabela 2 - Valor contratado para as culturas da laranja, limão e lima em 2017 na área de atuação do BNB (Em R\$)

Porte	Laranja		Limão		Tangerina	
	R\$	Part. (%)	R\$	Part. (%)	R\$	Part. (%)
Mini	9.286.332	36,8	3.781.720	98,4	65.610	2,8
Pequeno	5.221.277	20,7	61.985	1,6	915.851	39,2
Pequeno-médio	10.706.484	42,5	-	-	1.354.780	58,0
Total	25.214.094	100,0	3.843.706	100,0	2.336.242	100,0

Fonte: Ambiente de Controle Financeiro de Operações de Crédito. Elaboração: BNB, ETENE.

Os citricultores, no Nordeste, têm enfrentado problemas como envelhecimento dos pomares, com a conseqüente queda na produtividade que está entre as menores do País, carência de assistência técnica, baixa capacidade de investimento e canais de comercialização inadequados. As dificuldades de produção em Sergipe têm resultado no deslocamento da atividade em direção ao norte da Bahia. Diante da dificuldade de recuperação da atividade no Estado, é importante a diversificação das explorações agropecuárias dentro das pequenas propriedades e a organização dos produtores em associações para tentar melhorar as condições de comercialização.

Fonte: [Caderno Setorial ETENE](#)

PANORAMA SETORIAL DO CAFÉ

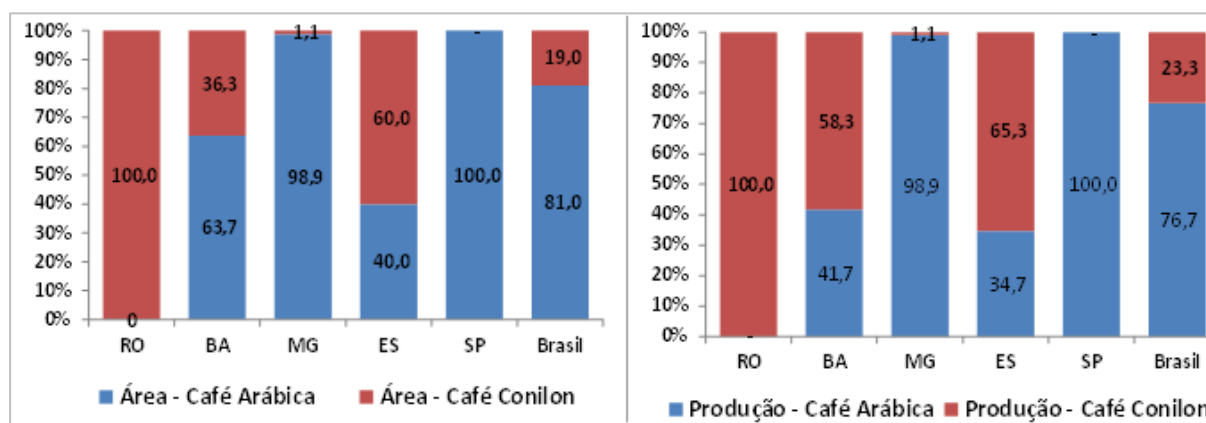
A produção de café no Brasil é destaque no cenário mundial. Sistemas de produção diversificados, desde aqueles altamente tecnificados ou da produção familiar e extensas áreas com solos e clima favoráveis ao cultivo da cultura fizeram do País o maior produtor mundial e também o maior exportador. Com essas aptidões, seria natural que o País fosse o grande player do mercado mundial, mas a participação do Brasil nesse mercado reduz-se à condição de exportador de matéria-prima para outros países, alguns dos quais, se destacam na reexportação de produtos de maior valor agregado.

Isso porque existem algumas limitações, principalmente relacionadas aos agricultores, que os leva a escoarem seus produtos direto da lavoura, pois grande parte da produção de café é oriunda de agricultores familiares, descapitalizados, que, por causa dos compromissos, negociam a produção no fim da colheita ou mesmo antes. Aliado a isso, por trabalharem com margens líquidas negativas por longos períodos, precisam recorrer a empréstimos e vendas de ativos para permanecerem na atividade, acumulando dívidas por décadas. Mesmo com a recuperação dos preços, as necessidades de pagarem primeiramente suas dívidas, os impedem de investir em novas tecnologias para agregação de valor aos seus produtos.

Na Área de Atuação do BNB, o estado da Bahia é o que tem maior importância na produção de café, pois responde por praticamente 100,0% da produção. Existem pequenas áreas em outros estados como Ceará e Pernambuco, representando, respectivamente, 2,2% e 1,7% da área colhida no Nordeste (IBGE, 2018). No Norte de Minas, predomina a produção de Café Arábica, porém, é pouco representativa diante da produção total do Estado. Em 2017, foram produzidas nessa Região 552,7 mil sacas, o que representou apenas 2,3% da produção total de café em Minas Gerais e aproximadamente 7,0% da produção da Área de Atuação do BNB (IBGE, 2018). Vale salientar que Minas Gerais é o maior produtor nacional de café.

No Espírito Santo, a agricultura é concentrada na cafeicultura, uma das atividades agropecuárias que mais gera divisas no Estado, inferior apenas aos produtos florestais, tornando-o, portanto, o segundo produtor nacional de café total e o maior produtor nacional de Café Conilon (*Coffea canephora*). Esta mesma espécie foi introduzida no Norte do Espírito Santo, como alternativa econômica, após a política de erradicação do Café Arábica em áreas com altitudes inferiores a 450 m, e concentra 50,5% da produção de café total e 64,3% de Café Conilon de todo o Estado (IBGE, 2018).

Gráfico 2 - Comparativo percentual da área cultivada e produção de Café Arábica e Conilon nos principais estados produtores em 2018



Fonte: BNB/Etene, com base nos dados da Conab (2018).

A produção de café no Brasil está fortemente concentrada no Estado de Minas Gerais que sozinho detêm 56,6% da área e 53,2% da produção nacional de café. O segundo maior produtor é o Espírito Santo com 19,8% da área e 22,5% da produção. A Bahia é o quarto maior produtor nacional, mas responde por apenas 6,4% da área e 7,7% da produção. No Nordeste, é o único estado com produção relevante. Os outros estados são São Paulo (terceiro maior), Rondônia (quinto maior), Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Na safra de 2017/18, a produção brasileira de café foi de 45,0 milhões de sacas, uma queda de 12,5% em relação à safra anterior. Para a safra de 2018/19, a Conab (2018) e o USDA (2018) apontam crescimento, chegando ao resultado aproximado de 60 milhões de sacas.

A produção brasileira de café relativa à safra de 2018 terá 8,5 milhões de sacas a mais que a da safra de 2016 (última safra de bialidade positiva), em função do aumento da produtividade dos principais produtores nacionais, decorrente das boas condições climáticas, além do uso de irrigação. De acordo com dados do IBGE (2018), em 2017 a área colhida com café no Norte do Espírito Santo somou 195 mil hectares, produzindo 279 mil toneladas, o que representou, respectivamente, 45,1% da área e 50,5% da produção total de café do Estado. Nessa mesorregião, o cultivo do Conilon é predominante e representa 70,3% da produção da Área de Atuação do BNB (Tabelas 3 e 4).

Na Bahia, o aumento da produção total de café, em 2018, será em decorrência do melhor desempenho do Arábica, com crescimento de 96,7% em relação à safra anterior. Vale salientar que esse desempenho se deve, principalmente, à bialidade positiva esperada, com consequente aumento de produtividade (124,3%), visto que houve redução de área (-16,8%). A Bahia possui a maior produtividade de Conilon do país (57,0 sacas/ha).

Tabela 3 – Área, produtividade e produção de café (total, Arábica e Conilon) nos principais Estados produtores

Tipo	Estados	Área (ha)				Produtividade (sacas/ha)				Produção (mil sacas)			
		2016	2017	2018	VAR (%)	2016	2017	2018	VAR (%)	2016	2017	2018	VAR (%)
Total	RO	94.561	83.339	73.417	-11,9	18,6	26,1	31,0	18,6	1.627	1.938	1.978	2,1
	BA	162.161	154.567	137.868	-10,8	14,0	23,7	35,4	49,2	2.093	3.358	4.614	37,4
	MG	1.198.263	1.235.114	1.219.813	-1,2	30,4	24,9	31,8	27,7	30.724	24.445	31.889	30,4
	ES	452.116	432.508	427.650	-1,1	21,9	23,0	34,8	51,2	8.967	8.865	13.488	52,1
	SP	215.090	213.832	213.942	0,1	30,0	22,0	30,8	39,9	6.031	4.412	6.233	41,3
	Outros	101.273	88.585	83.730	-5,5	20,8	24,3	22,7	-6,6	1.926	1.952	1.703	-12,7
	Brasil	2.223.464	2.207.945	2.156.420	-2,3	26,3	24,1	32,2	33,3	51.369	44.970	59.906	33,2
Arábica	BA	113.547	105.446	87.768	-16,8	12,2	10,3	23,1	124,3	1.267	978	1.924	96,7
	MG	1.184.384	1.221.458	1.206.156	-1,3	30,5	24,9	31,9	28,1	30.428	24.102	31.553	30,9
	ES	165.745	166.043	171.103	3,0	26,2	19,7	29,9	51,9	3.932	2.950	4.675	58,5
	SP	215.090	213.832	213.942	0,1	30,0	22,0	30,8	39,9	6.031	4.412	6.233	41,3
	Outros	80.964	74.169	68.336	-7,9	23,3	26,5	24,7	-7,0	1.724	1.808	1.553	-14,1
	Brasil	1.759.730	1.780.948	1.747.305	-1,9	28,4	23,1	30,7	33,0	43.382	34.249	45.938	34,1
Conilon	RO	94.561	83.339	73.417	-11,9	18,6	26,1	31,0	18,6	1.627	1.938	1.978	2,1
	BA	48.614	49.121	50.100	2,0	18,0	50,9	57,0	12,0	826	2.380	2.690	13,0
	MG	13.879	13.656	13.657	0,0	23,3	26,4	25,8	-2,3	296	344	336	-2,3
	ES	286.371	266.465	256.547	-3,7	19,4	25,1	38,1	51,6	5.035	5.915	8.813	49,0
	Outros	20.309	14.416	15.394	6,8	11,0	11,9	12,5	5,0	202,5	144,0	150,5	4,5
	Brasil	463.734	426.997	409.115	-4,2	18,8	28,1	38,0	35,3	7.987	10.721	13.968	30,3

Fonte: Adaptado da série histórica da Conab (2018).

Tabela 4 - Quantidade de café em grão produzido na Área de Atuação do BNB, por estado, no ano de 2017 (Toneladas).

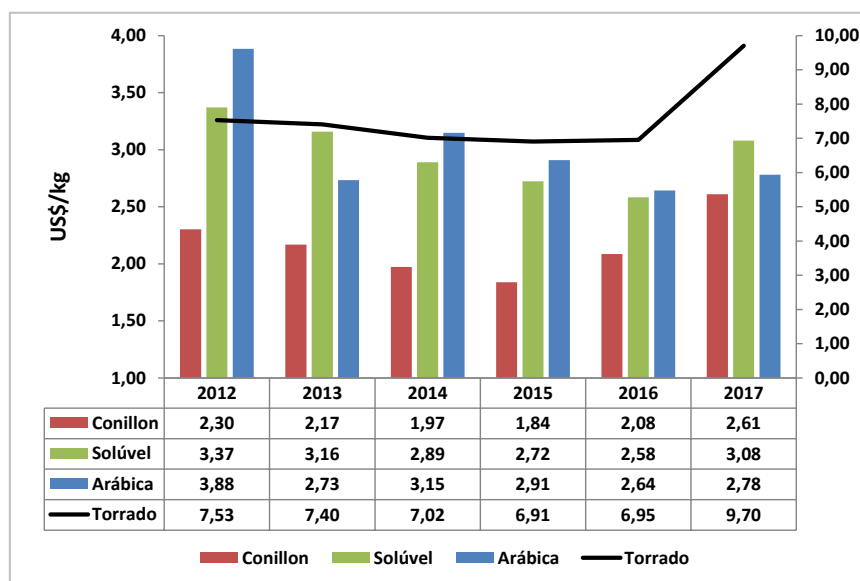
Estados	Café Total	%	Café Arábica	%	Café Conilon	%
Norte do Espírito Santo	278.962	58,8	38.837	29,2	240.125	70,3
Bahia	160.648	33,9	60.543	45,6	100.105	29,3
Norte de Minas Gerais	33.163	7,0	32.080	24,2	1.083	0,3
Ceará	690	0,1	665	0,5	25	0,0
Pernambuco	655	0,1	655	0,5	-	-
Área de Atuação BNB	474.118	100,0	132.780	100,0	341.338	100,0

Fonte: IBGE, 2018.

O Gráfico 3 demonstra as variações de preços dos últimos seis anos por tipo de café, com base nos relatórios do Cecafé - Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (2018). Destaca-se a diferença

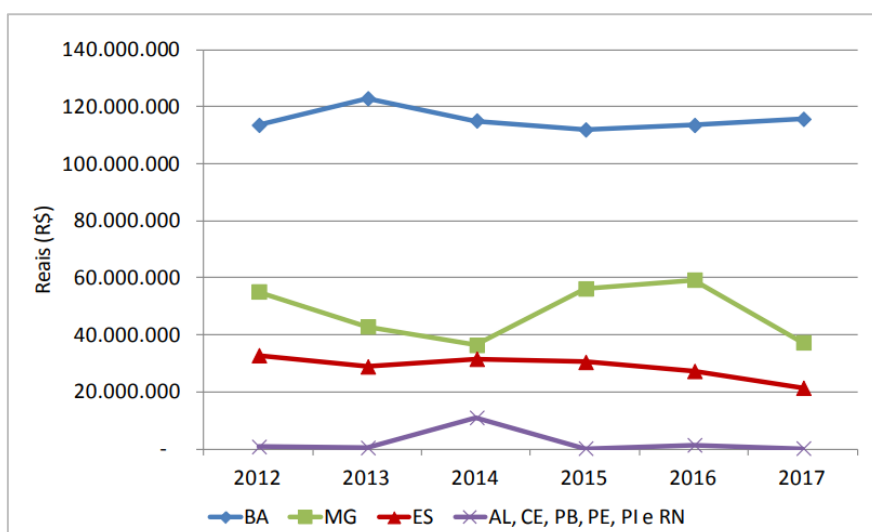
de preço entre produtos brutos e industrializados e de preços decorrentes da relação oferta versus demanda. A oferta de café torrado e moído nas gôndolas do varejo tem grande variedade de marcas, ao contrário do café solúvel, motivo pelo qual apresenta a menor variação de preço. Assim, poucas empresas no mercado para um determinado produto, fazem com que os consumidores não tenham margem de manobra na escolha de determinada marca, mantendo, portanto, o preço, nestes casos, relativamente mais estável. Entretanto, em 2017, observa-se uma substancial elevação do preço do café torrado, implicando na queda de 10,1% de seu volume exportado, em relação a 2016.

Gráfico 3 - Variações de preços de tipos de café (US\$/Kg)



Fonte: Cecafé (2018).

Gráfico 4 - Evolução do valor contratado (R\$) para a cultura do café na área de atuação do BNB entre 2012 e 2017

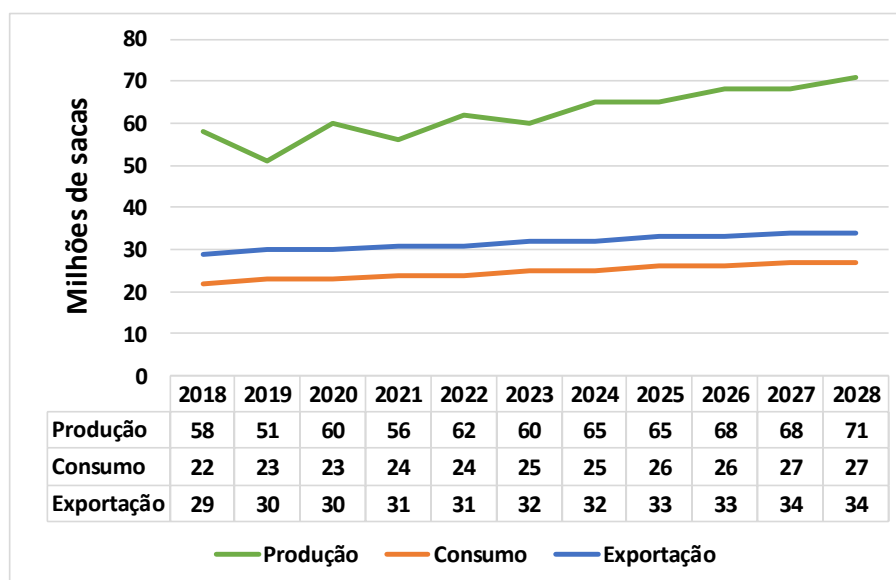


Fonte: Ambiente de Controle Financeiro de Operações de Crédito/BNB (2018). Atualização de valores com base do IGP-DI de Set. 2018, (FGV, 2018).

No Gráfico 4, observa-se a evolução das contratações de financiamentos do Banco do Nordeste para produção de café, com destaque para a Bahia, estado que recebe o maior volume de recursos. Em todos os estados, prevalecem os financiamentos a mini e pequenos produtores.

Segundo as projeções do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - Mapa (2018), a produção em 2028 deve chegar a 71 milhões de sacas, crescimento de 22,4% em relação à 2018 (Gráfico 5). Projeta-se também um crescimento de consumo de 22,7% e de 17,2% das exportações entre 2018 e 2028. Há evidências de que as mudanças climáticas possam afetar a produção de café, em virtude da elevação de temperatura, com previsão de que haverá redução pela metade de áreas aptas ao cultivo de café nas próximas três décadas. Essas informações precisam ser levadas aos produtores para que estejam atentos à essas mudanças.

Gráfico 5 - Produção, Consumo e Exportação de Café (milhões de sacas)



Fonte: MAPA, 2018.

É importante que os produtores estejam atentos também à gestão dos custos de produção e às informações de mercado para reduzir os riscos econômicos da atividade. O sistema de controle de receitas e de despesas, por mais rudimentar que seja, será salutar para o melhor gerenciamento da produção, especialmente no âmbito da agricultura familiar. É importante ainda a adoção de tecnologias com vistas a melhorar a produtividade das lavouras.

Com vistas a fortalecer a cadeia produtiva, o apoio do BNB deve avançar ainda na modernização das indústrias existentes em todos os Estados, de forma a ajudá-las a se tornarem mais competitivas no mercado externo e também no acompanhamento das medidas de melhoria de gestão do negócio e acompanhamento do mercado. A inovação em processos e produtos constitui-se em uma boa ferramenta para a melhoria da lucratividade e da rentabilidade e para a superação dos desafios.

Fonte: [Caderno Setorial ETENE](#)

DICAS PARA SUSTENTABILIDADE NA AGROPECUÁRIA

Recuperar o solo é bom para as plantas cultivadas, para o meio ambiente e para o bolso do Produtor

Um solo sadio e fértil é a base para uma agropecuária de sucesso. O agricultor ou pecuarista experiente e consciente sabe que o solo de sua propriedade é seu ativo mais precioso. Cuidar desse ativo tem se mostrado ser bom não só para o meio ambiente, mas sobretudo para o bolso. Isso é o que têm demonstrado estudos conduzidos há mais de uma década na Embrapa Semiárido.

Os sistemas propostos envolvem a adoção de técnicas e manejos simples de culturas como a do mamoeiro e a da manga, com o uso de coquetéis vegetais de adubação verde e o sistema de plantio direto. Como resultado, os cientistas conseguiram minimizar a emissão de carbono, reduzir em até 30% os custos com insumos, sobretudo de adubação nitrogenada, e aumentar a produtividade de 20% a 30%. No cultivo do meloeiro, por exemplo, a produtividade variou de 36,14 a 49,87 toneladas por hectare. São quantidades superiores às médias nacional e nordestina, que são de 25,37 e 28,00 Mg.ha-1, respectivamente. Mais informações sobre esses estudos você encontra no artigo [aqui](#).

A recuperação de solos é mais um dos itens para a sustentabilidade da agropecuária que podem ser financiados pela linha [FNE Verde](#) do Banco do Nordeste. Confira!

Colaboração: Ambiente de Políticas de Desenvolvimento

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida. AMBIENTE DE POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO | Gerente de Ambiente: José Rubens Dutra Mota. Célula de Meio Ambiente, Inovação e Responsabilidade Socioambiental: Kleber de Oliveira (Gerente Executivo), Mário Eduardo Fraga da Silva, Marta Maria Aguiar Sisnando Silva Projeto Gráfico: Gustavo Bezerra Carvalho. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiários: Antônio Kassy Monteiro Costa, Dalyllyla Soares de Azevedo. Jovem Aprendiz: Sarah Lucena Barros.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.